

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2016 - ANO XIX - Nº 230

EDITORIAL

O Brasil vive momentos de incertezas. Se até bem pouco tempo o país se orgulhava de ser democrático, dinâmico, emergente, com economia sólida e estável – impunha respeito e provocava inveja em muitos países –, hoje se encontra paralisado. O país dos sonhos mergulhou numa grave crise política, econômica e institucional, que tem na corrupção suas raízes.

Por trás dessa corrupção encontram-se políticos, servidores públicos e empreiteiras, que, buscando a qualquer preço chegar ao poder e nele permanecer, corromperam e se deixaram corromper. Numa democracia como a nossa, as duas únicas maneiras de se acabar com essa farra é através da criação de mecanismos eficientes de controle no combate à corrupção e por meio das eleições, quando temos a oportunidade de melhor escolher nossos representantes. Democracia, como muitos pensam, não é apenas o direito de votar e ser votado. Precisamos, enquanto cidadãos, nos manifestar e participar da vida política não somente nas urnas, com o voto, mas no dia a dia, especialmente em momentos críticos como os atuais.

A corrupção no Brasil encontra-se em níveis inimagináveis e vem destruindo a Nação. Estamos empobrecendo financeira e moralmente. A economia está sem rumo, desemprego e inflação crescendo, saúde caótica e criminalidade aumentando. O atual governo não fez o que deveria ser feito, pois sua preocupação não é com o país, e sim, com seu projeto de poder. Defende teses partidárias e não a do Estado brasileiro.

Desgovernado, sem credibilidade em nível nacional e internacional, o Brasil precisa retomar o foco no interesse do coletivo, no desenvolvimento, no crescimento, no cuidado com a população. Algo diferente disso é inadmissível. No momento atual predominam a falácia, a mentira, a manipulação de números e o enviesamento para encobrir escândalos de corrupção.

A sociedade precisa estar atenta e escolher nas próximas eleições pessoas éticas, com valores morais acima de qualquer suspeita. O atual momento requer prudência, serenidade e muito trabalho para virarmos essa página.



Reprodução

Cansados de assistir ao desmonte da máquina pública por incontáveis denúncias de corrupção, a população vem se conscientizando de que é necessário dar um basta. O povo nas ruas quer renovação política, o fim da corrupção e da impunidade e o fortalecimento das instituições democráticas.

Nas ruas, a população faz história

Vivemos um turbilhão de escândalos políticos. Nossa democracia passa por uma prova de fogo. Sucessivos escândalos de corrupção têm deixado as pessoas honestas descrentes com nossa classe política. O que parecia não ter mais jeito vem mudando com o aparecimento no cenário nacional de um jovem juiz que tem se empenhado em colocar na cadeia políticos e poderosos que se julgavam acima da lei.

Cansados de assistir ao desmonte da máquina pública por incontáveis denúncias de corrupção, a população vem se conscientizando de que é necessário dar um basta. A gota d'água que entornou a paciência da população foi a Operação Lava Jato, que escancarou grande esquema de corrupção atrelado ao governo envolvendo a Petrobras, uma das maiores empresas de petróleo do mundo, hoje quebrada em função dessa roubalheira.

Na política, sempre houve apadriñamento a fim de se obter a dita governabilidade. Não importam os interesses da sociedade, desde que interesses pessoais e partidários sejam atendidos. Dessa forma, o governo obtém o apoio necessário com a distribuição de cargos, comissionamentos e outras benesses. Essa prática ocorre em todas as esferas de governo – municipal, estadual ou no federal. Foi o que ocorreu com a Petrobras. Essa forma perniciosa de se fazer política quebrou o país, desencadeando grave crise econômica, inflação e desemprego.

A paralisação do país, decorrente de sucessivos escândalos e denúncias envolvendo figuras emblemática de nossa República, fez com que a população passasse a manifestar nas ruas a sua indignação. Des-

de 2014 que manifestações têm acontecido por todo o país. Cada vez mais, número maior de pessoas indignadas com a corrupção e com a classe política saem para protestar. Os clamores das ruas, porém, não sensibilizaram nossos políticos, que se fazem de surdos.

No dia 13 de março deste 2016, mais de 6 milhões de brasileiros foram às ruas em todo o Brasil protestar e bater panels. Crianças e idosos, ricos e pobres, de norte a sul, saíram de verde e amarelo empunhando a bandeira brasileira, cantando o hino nacional e pedindo o fim da impunidade, da corrupção e desse governo. As manifestações ocorreram de forma surpreendente. Organizados, com disciplina e respeitando as leis, é surpreendente que as manifestações brasileiras, reunindo milhões de pessoas, tenham saldo positivo – nem uma só vitrine quebrada. Os brasileiros, mesmo revoltados, deram exemplo de cidadania, ordem e civilidade. Isso prova que há formas pacíficas de se unir uma população em torno de uma causa comum. A maioria dos brasileiros sabe conjugar indignação, protesto e respeito, como comprovaram as manifestações, também ordeiras, ocorridas no dia 18 de março, a favor do governo federal. Isso é democracia!

Novas tecnologias, planejamento e pessoas com valores republicanos definidos estão levando o Brasil a inovar no campo da participação política. O povo nas ruas quer renovação política, o fim da impunidade e o fortalecimento das instituições democráticas. Nesse momento histórico do Brasil, só o trabalho coordenado entre sociedade e políticos pode nos tirar desta lama de escárnio e incompetência em que nos vemos atolados.

Imagem - Memória



O ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, o Coronel Pederneiras e seu filho, aspirante Amilcar Pederneiras. Foto de 1913.

O coronel Pederneiras e o presidente dos EUA

Foi decidido, então, elevar à categoria de embaixada a nossa legação em Washington, sendo escolhido o nosso imortal chanceler – o grande Joaquim Nabuco – para representar o Brasil junto à democracia americana. Ao se compor a embaixada, o Barão notou que faltava um adido militar que representasse, nos Estados Unidos, nosso Exército e nossas armas. Convidou, então, o coronel Pederneiras para aquele honroso e delicado cargo.

Em Washington, o coronel Pederneiras se impôs à estima e à consideração da sociedade americana. Amigo de Nabuco, o casal Pederneiras tornou-se, também, íntimo de Teodoro Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, e de sua família, condição que lhe abriu as portas de todos os palácios públicos e particulares do mundo oficial e da aristocracia americana em Washington.

Estudioso das coisas militares, o governo brasileiro incumbiu-o de uma importante comissão nos Estados Unidos: chefiar a Comissão Brasileira de Compras, que adquiriu uma fábrica de pólvora sem fumaça a ser instalada em Piquete. Pederneiras entregou-se de corpo e alma a essa tarefa. Pôs ao serviço dessa comissão toda a sua inteligência. Tempos depois, partiu para a Europa, ainda a serviço daquela comissão, visitando as principais fábricas de pólvora em diversos países. Tornou-se um especialista no assunto, e seu nome foi indicado para ser o primeiro diretor do grande estabelecimento instalado em Piquete.

De volta ao Brasil, consagrou anos seguidos ao fabrico da pólvora sem fumaça e à resolução de importantes problemas técnicos de química militar, dos quais resultaram descobertas importantes que elevaram o nome não somente da Fábrica, mas, também da pequena Vila do Piquete.

Em outubro de 1913, o governo brasileiro convidou-o para ciceronear o ex-presidente Theodore Roosevelt e sua família durante uma visita ao Brasil. Foi cumprida uma agenda apertada e estafante em que o coronel Pederneiras e sua esposa foram impecáveis. De volta a Piquete e ao trabalho na Fábrica, atingiu alto grau de perfeição, apesar dos limitados recursos de que dispunha. Essa disposição e resolutividade para o trabalho levou o governo federal a convidá-lo para a direção do Arsenal de Guerra, no Rio de Janeiro.

Deixou a Fábrica de Pólvora sem Fumaça de Piquete e, em pouco tempo, transformou o Arsenal em um centro fabril militar de primeira ordem. Foi no exercício desse cargo que a morte o colheu, em 13 de maio de 1917. Pertencendo a uma família numerosa e associado pelo casamento a outra família igualmente numerosa, o coronel Pederneiras deixou enlutado grande número de parentes, além de amigos de todas as classes sociais. A Fábrica de Piquete também cobriu-se de luto. Prestaram-lhe as últimas homenagens representantes de oficiais e do operariado da Fábrica de Pólvora sem Fumaça e do Arsenal de Guerra e diversas autoridades da República: Carlos Eiras, representando o Presidente da República; marechal Caetano de Faria, Ministro da Guerra; Dr. Pandiá Calógeras, Ministro da Fazenda; tenente-coronel Fleury de Barros, representando o Ministro das Relações Exteriores; Romagueira, pelo Ministro da Aviação, e diversas outras.

O coronel Pederneiras foi um dos maiores nomes de sua época e um dos mais distintos e ilustres oficiais daquele tempo. Deixou seu nome associado a um dos maiores empreendimentos do país – a Fábrica de Pólvora sem Fumaça, em Piquete.

Em 31 de março de 1915, o coronel Achilles Pederneiras, diretor da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, passou a diretoria dessa importante indústria bélica ao seu sucessor, tenente coronel Affonso de Carvalho. Chegara a Piquete assumindo a direção da Fábrica no início de 1909. Cidadão educado e altamente preparado, veio para colocar em funcionamento a primeira fábrica de pólvora química da América Latina e assim libertar o país da dependência estrangeira. Aqui, o coronel Pederneiras ganhou a simpatia e o respeito não somente dos operários e técnicos que trabalhavam na Fábrica, mas de toda a população de Piquete.

A cerimônia de transmissão de cargo foi simples, mas tocante devido à espontaneidade da afeição retribuída ao coronel Pederneiras. À noite, a oficialidade, funcionários e famílias ofereceram uma festa no casino da Vila da Estrela em homenagem ao distinto oficial, que se fez querido de todos pelos seus atos da justiça e acatamento a todos os seus subalternos. O coronel Pederneiras deixou a Fábrica de Piquete para administrar o Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Atíngia, ainda moço, o apogeu de uma longa carreira. Sua inteligência prática e realizadora, e sua dedicação pelo serviço e pelas comissões que havia desempenhado lhe garantiram, sempre, brilho especial.

Poucos oficiais do Exército construíram uma fé de ofício mais honrosa e repleta de comissões distintas. Desde o início de sua carreira militar, o coronel Pederneiras mereceu destaque entre os seus pares pelas excelentes qualidades de cavaleiro e de soldado, que lhe eram perfeitamente naturais. Oriundo de uma família ilustre sob a monarquia, desde simples tenente de artilharia começou a ser distinguido com os mais honrosos encargos.

Proclamada a República, o então capitão Pederneiras continuou a gozar da confiança e da estima dos seus chefes. Em 1893, ao rebentar a revolta, o marechal Floriano Peixoto confiou-lhe a direção da Intendência Geral da Guerra, que era uma comissão comandada, até então, por coronel ou general. Passando aquela fase de nossa agitada vida republicana, nossa política de aproximação com os Estados Unidos começava a esboçar-se sob as vistas do Barão do Rio Branco.

GENTE DA CIDADE

Ivan Guimarães

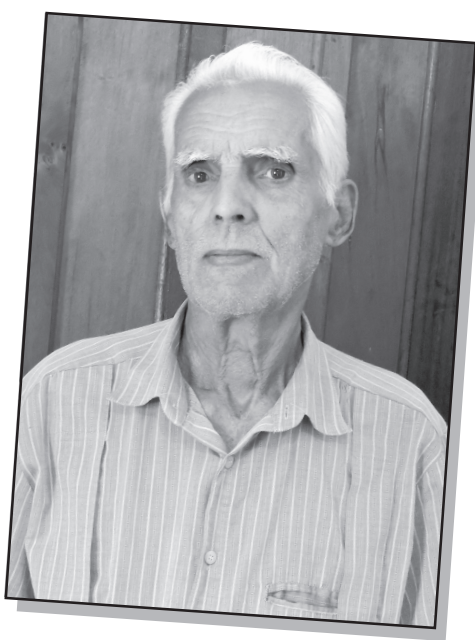
O sotaque carregado nos “erres” e o jeito despachado entregam-no: é carioca da gema, nascido no bairro de Jacarepaguá, em 12 de janeiro de 1935.

Ivan Guimarães Rabello Oliveira é o caçula dos três filhos de Salvador Rabello de Oliveira e Maria Guimarães de Oliveira. A infância e toda a adolescência foram passadas na então capital da República. Em 1953, ingressou no Exército. A carreira levou-o para Salvador, na Bahia, onde viveu por alguns anos. Retornando ao Rio de Janeiro, havia a possibilidade de transferência para Manaus. À época, um surto de malária havia vitimado um vizinho seu e colega de farda. “Nada se noticiava, mas sabíamos da morte de companheiros... Meu pai me orientou a não aceitar a transferência...”. Pouco antes de ingressar no Exército, Ivan havia concluído, como adolescente aprendiz, o curso de Prótese Dentária. Já como 3º Sargento, mas com o diploma de protético, optou por não ir para Manaus e se mudar para São Paulo, onde iniciou a carreira que seria o seu “ganha-pão” até a aposentadoria. Era o final da década de 1950 e ele se instalou na Vila Sabrina, onde já morava seu irmão mais velho, médico formado no Rio de Janeiro, que havia se transferido para a capital paulista e lá se casara.

Ivan tinha sangue artístico: a mãe era escritora de novelas para a TV Mayrink Veiga... Também os irmãos... Quando pequenos, descobriram uma escola em Niterói, do outro lado da Baía da Guanabara, onde poderiam estudar música gratuitamente... “Encarávamos a barca todos os dias, pois ainda não havia a Rio-Niterói...”, destaca. “Lá aprendi violino, meu irmão violoncelo e minha irmã piano”. Aos domingos, os irmãos tocavam juntos em casa e os vizinhos vinham à janela para ouvir, conta Ivan... O violino o acompanharia por toda a vida...

Em 1960, em 17 de novembro, Ivan se casou com Rosita Maria Bastos de Oliveira. O casamento lhes deu cinco filhos e nove netos. A veia artística se revelaria em dois dos filhos: o mais velho é luthier estabelecido em São Paulo e o mais novo envolvido com discos de vinil e antiguidades...

Já aposentado, recebeu certa vez um telefonema do filho mais velho, à época repre-



sentante comercial que, em suas andanças pelo estado de São Paulo, conhecera a esposa em Piquete, convidando-o para vir morar aqui. “Eu falava com ele de um orelhão no Rio de Janeiro e ele me dizendo que em Piquete havia muitos morros... Aos risos, acostumado à realidade carioca, disse-lhe que com relação aos morros, não haveria problemas, pois traria um antigo revólver que possuía...”, conta animado.

E foi assim que Piquete ganhou um grande violinista... Ivan vendeu sua casa no Rio de Janeiro e adquiriu dois imóveis: um em Cruzeiro e outro em Piquete... “Foi bom, pois o de Cruzeiro me garante um aluguel pra complementar a renda...”.

Há cerca de vinte e dois anos em Piquete, Ivan fez muitos amigos, vários deles ligados à música... Ele e o som de seu violino são conhecidos por toda a cidade e região... Toca com amigos em bares, festas, clubes, residências... Mantém, até hoje, uma rotina de apresentações em São Paulo, para onde viaja pelo menos uma vez por mês para compromissos de cerca de dez dias... Aos piquetenses que passam pelo Rodoviário Tietê avisa que toca no “Paneria”, naquele terminal de ônibus, pela manhã e à noite, quando está na capital. Em dezembro de 2015, Ivan pôde ser visto no Jornal Nacional, em imagens capturadas por passageiro de um ônibus que rodava enfeitado para o Natal... “Foi uma ótima propaganda pra mim...”, afirma.

Aos 81 anos, Ivan mantém uma disposição invejável refletida em sua alegria e disposição para uma boa conversa... Solicitado a tirar uma foto com o violino, toca de imediato “Fale baixinho”, versão de “Speak softly love”. Privilegiados os vizinhos!



Crônicas Pitorescas

Acordes dissonantes

Palmyro Masiero

Havia uma semana que o marido estava bronqueado com a mulher e ninguém conseguia consolá-lo ou dar-lhe a ver o sentido exato daquilo que ela provavelmente lhe quisera dizer... O bicho é complexado, masoquista, ou está querendo tirar umas férias da dona dele...

Negócio foi o seguinte...

O casal tem dois filhos homens, já casados, e uma filha de vinte e três anos, solteira, que faz faculdade numa cidade vizinha. Ia e vinha todas as noites, pois trabalhava como recepcionista num consultório médico durante o dia.

Os coroa ficavam em casa, sentados em suas respectivas poltronas, curtindo televisão, até a chegada da moça. Tudo muito certinho, engrenadinho... Vai que um dia a esposa, talvez influenciada por algum lance de novela, filme, ou por motivo nenhum, se dirigiu ao marido:

– Bem, você não acha que devemos ter uma conversa mais séria com a Lucy? Já está com vinte e três anos e não a vejo com namorado mais firme, mais positivo... Sai aos sábados com a turma... Volta para casa à vezes com um, outras vezes com outro...

– E o que tem isso demais? São colegas dela...

– Eu sei, bem... Mas a Lucy já está em idade de arranjar um namorado com intenções mais definitivas, mais futurasas...

– Você está querendo ficar livre de sua filha? – exasperou-se o homem.

– Não é nada disso! Nem de longe isso me passou pela ideia... Justamente para o bem dela é que toquei no assunto.

– Está muito bem assim. Não tem rabo nenhum pra atrapalhar no estudo e por isso está se saindo otimamente. Não estou propenso a entregá-la a nenhum pé-rapado qualquer!

– E você acha que é isso que estou querendo para nossa filhinha?! – agora zangada respondeu a mulher.

– Então é isso. Sou da opinião de que devemos aguardar até que surja um homem digno, respeitável, gente fina, que realmente sirva de marido para ela.

– Não vejo razão para tanto requisito. Sou feliz e não fiquei aguardando nenhum príncipe encantado...

Foi aí que deu o bode todo!!!

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

A Guerra Fria

Em 8 de maio de 1945, a Grande Guerra (2ª) terminava.

O término da Segunda Guerra Mundial, entretanto, não trouxe a paz esperada. A comemoração do final da 2ª Guerra em 1945 foi grande. Contados os mortos e feridos, os que sobreviveram voltaram heroicamente e como tal foram recebidos. A conferência de Yalta, vizinha do Mar Negro, estipulou os acordos entre os vitoriosos em 1945: britânicos, franceses, norte-americanos e russos unidos para derrotar o terrível Hitler e as forças nazistas. Yalta fica na península da Crimeia.

Duas forças emergiam dessa reunião, cuja história atravessa o tempo sob as mais variadas interpretações e conclusões. Estados Unidos e Rússia, esta liderando uma composição geopolítica marcante – a União Soviética –, se alocaram em dois campos de força.

As duas forças emergentes deixavam para trás os dois grandes impérios coloniais: a Grã-Bretanha, representada pela Inglaterra, e a França. As antigas colônias se emancipavam, proclamavam suas independências e modificavam o mundo representado pelos mapas. Entretanto, não sem muitas guerras e grandes desafios deixados pelos estatutos coloniais. Guerras essas estimuladas pelos dois lados de interpretação política e econômica: o capitalismo e o socialismo. Os líderes em Yalta deixavam já bem visível o jogo de interesses que emanava das concepções, cujas bases implicavam em tentar dominar os espaços geográficos e seus conteúdos.

Alargar os domínios territoriais era a motivação dos novos dominadores e estes não escondiam esse elemento de força. Os Estados Unidos e a União Soviética (URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) eram potências bélicas importantes. As bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki atestavam esse poderio bélico por parte dos



Estados Unidos. Por sua vez, os interesses expansionistas russos estavam presentes, representados pelo domínio dos países que constituíam a União Soviética.

A conferência de Yalta contava com as presenças de W. Churchill, representante da Grã-Bretanha, de F.D. Roosevelt, dos Estados Unidos, e de Joseph Stalin, da URSS, em 4 de fevereiro de 1945, já prevendo o fim iminente do conflito armado, e os alemães já praticamente desarticulados e dominados. Em 17 de julho do mesmo ano, a Conferência de Potsdam (Alemanha) consagrou as decisões, e já os Estados Unidos, em oposição ao expansionismo russo-soviético na proposta socialista, armavam-se ferozmente.

Enquanto isso, o mesmo acontecia na URSS liderada por Moscou. Assim, a Guerra chamada “Fria” era apenas um eufemismo para encobrir a terrível luta pelo poder bélico e político que se marcava por muito ódio e sangue derramado.

A Alemanha, derrotada no final da 2ª Grande Guerra, acabou dividida entre as quatro principais potências: os EUA, a URSS, a Grã-Bretanha e a França, esta ainda se desvencilhando das tropas de ocupação alemã.

Em Berlim, um muro dividia a cidade em duas partes: a ocidental e a oriental. A primeira, subdividida como zonas de influência das potências vencedoras: americana, inglesa e francesa, e a outra sob domínio

russo-soviético. Um muro emblemático da luta entre os vencedores capitalistas, ocidentais, e o socialista do lado oriental. Um mundo novo emergia, cheio de contradições. Contradições à base de lutas políticas nas organizações mundiais, como a ONU, e nos relatos da espionagem lado a lado.

Histórias cruentas permearam esses acontecimentos. As narrativas sobre os campos de concentração alimentaram o trauma dos judeus perseguidos pelo nazismo, e o fazem até hoje. Os comentários sobre os efeitos nefastos das explosões atômicas fazem

outro tanto.

Guerras locais e regionais eclodem no mundo trazendo no seu bojo consequências das duas Grandes Guerras, além das traumáticas experiências do fenômeno de conquista de mercado e espaços de poder. As colônias passaram a articular as independências e tudo parecia desordenado. O espaço de poder tornado bipolar. Os desafios multiplicados no pós-guerra.

Os acontecimentos hoje narrados por especialistas político-econômicos põem às claras a sequência dolorosa desses processos. A literatura os enriquece como uma expressão pós-colonial, dando voz aos antigos habitantes da terra que lhes foi tomada por interesses políticos e econômicos em nome de uma imposição de valores imperialistas. Reagem com uma linguagem nova transculturada que lhes fora imposta.

A transcultura é hoje a principal marca dos países asiáticos, africanos e centro-sul-americanos. As artes em geral são um espelho desse posicionamento, particularmente num cinema distante do hollywoodiano. O mundo colonial se desmantelou, mas a paz está longe de ser alcançada.

Dóli de Castro Ferreira

Da esquerda para a direita: Churchill, Roosevelt e Stalin por ocasião da Conferência de Paz de Yalta, na Crimeia (Ucrânia), quando foram definidas as fronteiras do pós-guerra.

É mais fácil mobilizar os homens para a guerra do que para a paz. Ao longo da história, a humanidade sempre foi levada a considerar a guerra como o meio mais eficaz de resolução de conflitos, e sempre os que governaram se serviram dos breves intervalos de paz para a preparação das guerras futuras. Mas foi sempre em nome da paz que todas as guerras foram declaradas.

José Saramago

Querimento de poetizar-me

Poetas são seres estranhos. Nos dias de hoje, aprendemos um pouco sobre coisas absurdamente fantásticas, como se fora novidade. Óculos de realidade virtual, ambientes virtuais, coisas de computadores que nos fazem viajar para outros lugares. Sentados numa cadeira e sem sair do lugar. Mas os poetas – os poetas, caro amigo, cara amiga – eles mesmos, já faziam isso na Grécia antiga, em Roma, na Inglaterra ou aqui em terras pindoramas.

Poeta tem um cérebro diferente. Ele é doído, retardado, maluco e admirável. Ele tem uns óculos invisíveis de raios-X e os usa tem muito tempo. Um superman atemporal com sua visão que vara paredes, vê sonhos e enxerga além do tempo. Poeta tem o olho de tandra. A visão além do alcance. Quando ele escreve é transcendental. O galho seco fica florido e o cansaço e as agruras se transformam em êxtase. Num momento, ele, peregrino, vencido, exausto e quase morto, passa a ver pássaros flores e cores. A dor se vai, o cansaço some e a vida se expande.

O poeta vê o coração da mulher, o amor

da musa e a paixão da alma. O poeta não é homem. É sempre mulher. Pensa em paralelo. O poeta sobe a montanha para surpreender o sol antes de o sol nascer. O poeta vê o amor no guarda-roupas quando o paletó em seu cabide enlaça o vestido jogado despropositadamente na sofreguidão e pressa de uma paixão. O poeta, meu querido, não vê o trem em movimento, mas as casas que vão passando ao lhe ver passar. Vê cores estranhas jamais vistas como no capim rosa-chá.

O poeta se lembra dos detalhes. Sabe sempre que tinha uma pedra no meio do caminho mesmo com as retinas tão fatigadas. Um poeta sabe proteger a amada. Tem peito de remador e se posta na porta com uma espada para proteger o grande amor. Sabe fazer coisinhas para agradar a mulher amada e beberica uma cachaça de rolha como se fosse um mero mortal. Um poeta de verdade sabe que mister é ser um homem de uma só mulher, mesmo quando ele teve muitas, pois o amor não é imortal, posto que é chama, mas é infinito enquanto dura.

Um poeta é amante da lua e filho do sol.

Esse ser do outro mundo, do mundo da lua, o poeta, apesar de ser o maior dos homens sabe reconhecer sua pequenez. É reles, porco, vil, parasita e sujo. Ama como ama o amor e não conhece outra razão para amar senão amar. O poeta, ainda que surdo e cego, tem sentidos aguçados. Ouve passar o vento e tem em si todos os sonhos do mundo. E o poeta tem a música porque sabe que a canção é uma poesia ajudada.

O poeta inventa palavras e tem esse luxo. Sabe o poeta que a gente carece de fingir às vezes que raiva tem, mas raiva mesmo nunca se deve de tolerar de ter. Poeta não tem raiva direta. Quando a tem, se vira em versos. O poeta ama pessoas e coisas, planetas e estrelas e é bem capaz de dizer que ama para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas. Um poeta bilaquizasse com as estrelas.

E usando de muitos dos poetas nesse texto, se é que você os vê, abuso em dizer: Ah, como eu queria ser poeta! Tenho querimento de poetizar-me.

Luiz Flávio Rodrigues

Somos nós os invasores

Os homens da Expedição Gomes Carneiro - Cândido Rondon dormiam depois de um dia penoso enfrentando a mata.

De repente, a noite se enche de sons. Aves cantando a essa hora?

São índios bororos que se aproximam.

– Vamos bater em retirada.

Pergunta: Por que homens armados e treinados batem em retirada?

Responde o Comandante: A terra é dos índios, nós somos invasores.

O órgão do Governo encarregado de cuidar dos interesses dos índios é a Funai – Fundação Nacional do Índio – do Poder Executivo.

No Brasil, ainda existem tribos isoladas. A Funai optou por não estabelecer contato com elas. Apenas cuida para que estranhos não adentrem seu território.

Às tribos que já mantêm contato com a comunidade nacional a Funai presta assistência.

Pouco a pouco, os índios vão assumindo sua condição de membros da comunidade brasileira, principalmente na educação, na saúde e na produção de alimentos.

O ensino bilíngue, o esforço para guardar as tradições, têm produzido bons frutos.

Falta uma providência fundamentada nos bons resultados obtidos por abnegados que aqui e ali criam métodos



eficazes para conduzir à gestão independente da vida nas aldeias.

A Universidade Federal, situada na área em que estão maior número de aldeia indígenas, poderia encarregar-se de uma Escola Técnica de Ensino Médio começando pelas áreas mais importantes: Magistério, Enfermagem e Agricultura. Em regime de internato, com ambiente apropriado aos costumes indígenas, o estabelecimento poderia receber estudantes indígenas de todo o país.

Outro item que não pode ser desprezado é o da mineração em terras indígenas. O subsolo é federal, sabemos, mas minas não podem ficar alimentando a ambição de pessoas inescrupulosas que cercam as aldeias.

Por incrível que pareça, o processo de demarcação e homologação das terras indígenas ainda não está concluído neste país.

Neste momento, os indígenas brasileiros estão preocupados com a possibilidade da mudança – não mais o Poder Executivo, mas o Congresso Nacional se encarregaria da demarcação e homologação das terras.

Anos e anos as aldeias indígenas eram cercadas apenas por pobres posseiros. E o Governo não resolveu o problema. Imaginemos agora índios, posseiros, produtores rurais e MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, disputando uma área através dos discursos

de seus deputados e senadores.

Há denúncias de irregularidades na distribuição de terras da Reforma Agrária. Até funcionários públicos receberam áreas que formam grandes fazendas.

Os agropecuaristas que sobem do sul e do sudeste vendem suas propriedades para comprar outras mais baratas no Centrão. O grande problema está nos Cartórios que nem sempre podem garantir ao comprador quem realmente é o dono da área.

Os índios estão certos. A transferência vai ser de grande prejuízo para eles.

Então só nos resta pedir a cada brasileiro que não é índio:

Tenha a lucidez de Gomes Carneiro e Cândido Rondon.

A terra é dos índios. Nós somos os invasores.

Abigail Lea da Silva

“Índios Bororos”, cerca de 1880. Reprodução de fotografia de Marc Ferrez, do Acervo Instituto Moreira Salles

Paulo Freire, descanse em paz!

O texto dessa edição com certeza provocará reflexões, talvez polêmica e, quem sabe, indignação. Mas o momento parece propício. Falar de Paulo Freire, de maneira geral, causa euforia. Pois bem... Vamos lá.

Paulo Freire, de acordo com a Lei 12.612, promulgada em 2012, é o Patrono da Educação Brasileira. Isso muito me incomoda, pois esse dito “educador” não era licenciado, ou seja, não tinha formação para atuação como professor. Era formado em direito e tinha pensamento assumidamente marxista. Um opinionista ideológico, que defendia declaradamente a utopia comunista.

O famoso método de alfabetização Paulo Freire, segundo estudos históricos (David Gueiro Vieira - UNB), é um plágio. O método, criado em 1915, é, na verdade, de autoria de Laubach, um norte-americano, e foi desenvolvido nas Filipinas. No Brasil, foi introduzido pelo próprio Laubach, em 1943. Logo após a estada de Laubach no Brasil, Paulo Freire lançou as suas cartilhas de alfabetização com metodologia idênticas as de Laubach, sem nunca ter referenciado ou citado o verdadeiro criador do método. Isso, por si só, o descredencia como patrono e também como autor de tantas e famosas obras.

Fora isso, as obras de Freire são entediosas pela natureza de sua linguagem rebuscada, retórica e prolixa na tentativa

de esconder sua fragilidade científica, pois seus textos nada mais são do que generalizações sem nenhum rigor acadêmico. Usa e abusa de expressões como oprimido, opressor, proletariado, liberdade, luta de classes, ricos e pobres e por aí vai. Em seus ensaios “teóricos”, Freire deixou clara sua admiração por Fidel Castro e tantos outros da mesma extirpe.

Ah... Mas, talvez muitos não saibam, Paulo Freire é fonte de estudo primordial nos cursos de formação de professores para atuação na educação básica. Ao invés de aprenderem como se ensina, como são feitos, efetivamente, um planejamento e uma avaliação, os jovens professores viajam pelo discurso comunista. E, pior, alguns passam a crer em Paulo Freire e a “idolatrá-lo”.

Não tenho nada contra a pessoa de Paulo Freire, pois as crenças pessoais devem ser respeitadas, mas torná-lo Patrono da Educação e uma das principais fontes de estudos nos cursos de formação dos professores brasileiros é, sem dúvida, uma das razões pelas quais nossa educação está entre as piores. Por isso, fica meu apelo para que deixemos Paulo Freire descansar em paz, assim como suas opiniões, generalizações e crenças. Precisamos de evidências científicas e experiências de sucesso para balizar a educação brasileira.

Laura Chaves

Feliz aniversário, Fábrica Presidente Vargas!

A atual FPV (inicialmente Fábrica de Pólvora sem Fumaça), filial nº 01 do grupo IMBEL (criado em 1975), não ostenta mais a imponência que teve ao longo de quase setenta anos. Continua, no entanto, sendo a única indústria de porte em Piquete e merece todo o respeito e o carinho dos piquetenses. É por meio da FPV que se sustentam, ainda, inúmeras famílias em nossa cidade...

A história da “Fábrica”, como é carinhosamente conhecida, e a história de Piquete se confundem. Ouso afirmar que Piquete não existiria ou nossa história seria muito mais pobre se não fossem as obras militares daquele início de século – batalhão militar de Lorena, estrada de ferro, sanatório militar e uma Fábrica de Pólvoras, que fizeram parte de

um vitorioso projeto de modernização do Exército que alterou, definitivamente, Piquete e a região.

Nos 107 anos da FPV, uma imagem recente do prédio em que foi assinada, no dia 15 de março de 1909, a ata de inauguração do que era, à época, a maior e mais moderna fábrica de pólvora da América Latina.



Foto Arquivo Pró-Memória

Todo respeito à FPV! Todo carinho à FPV!
Parabéns a todos os funcionários e à atual direção!

É golpe!

Rafael Domingues de Lima

Tendo em conta a velocidade que os fatos políticos alcançaram nos últimos dias, é preciso localizar este artigo em data exata: escrevo-o na noite de 19 de março. Até agora, levando em conta tudo o que se sabe a respeito de Dilma, não há motivo justo que legitime o impedimento da presidente. Portanto, toda a agitação de parcelas das classes média e alta, da imprensa, do Judiciário e do Congresso não tem outro nome senão golpe.

O impedimento de governantes é, sim, um dispositivo democrático. Segundo a Constituição, após comprovação de crime praticado pelo chefe do Executivo, o Congresso deve analisar a questão e, em caso de aprovação por mais de dois terços da Câmara e do Senado, afastar o presidente em questão. No entanto, tratando-se de Dilma, tem-se ignorado por completo a ordem lógica dos acontecimentos. Muito antes que qualquer fato indicasse crime por parte da presidente, a oposição e setores oportunistas da base do governo já buscavam, através de justificativas absolutamente frágeis, afastar a presidente do cargo. Desde a reeleição de Dilma, essa tropa procura uma bala de prata que possa servir de pretexto para a derrubada do governo.

As motivações por trás do golpe são variadas e cada grupo golpista tem a sua. A grande mídia nunca simpatizou com o PT e sempre teve calafrios com as propostas petistas de democratização da mídia – mesmo que a pauta, por pressão dos lobistas e covardia do governo, nunca tenha avançado. O Congresso, ao que parece, rebelou-se contra a política de negociação de Dilma. PMDB e outros partidos com vocação fisiológica seguem descontentes com seus espaços dentro do Estado. E quanto à classe média, ao menos desde a chegada de Lula ao poder, nunca engoliu o petismo. Ainda há o que se estudar a respeito, mas o fato é que os programas sociais do governo encontram resistência visceral nesses setores médios e altos. Mesmo nos momentos de maior aprovação do governo nesses estratos, o Bolsa Família e as cotas universitárias, por exemplo, seguiam sendo razão de nariz torcido.

Juntamente com o descontentamento dessas parcelas, o Judiciário veio, nas últimas semanas, arrancar a máscara republicana da operação Lava Jato para praticar, sem constrangimentos, perseguição sistemática e ilegal contra Lula, Dilma e o governo. A condução coercitiva do ex-presidente, a tentativa dos promotores de São Paulo de colocá-lo na cadeia baseados em justificativas patéticas e a divulgação de conversas entre Lula e políticos do governo são ações que violam o Estado Democrático de Direito e que demonstram a necessidade urgente de profunda reforma no *modus operandi* do Judiciário.

Por fim, o barco golpista navega em alta velocidade, mas sem rumo. As credenciais de um eventual Governo Temer estão dadas: a se julgar pelas políticas gerais dos manifestantes e o estado da economia, esse governo tende a ser de retrocesso brutal em direitos trabalhistas, sociais e civis. A história é sempre implacável e há de julgar a nós todos. Aguardemos.

Quaresma e Semana Santa em Piquete

Meia-noite de terça-feira de Carnaval: a folia encerrava-se. Nem um minuto a mais, pois nesse momento terminava o entrudo (termo usado para designar o Carnaval primitivo) e começava o período de penitência. Nada de festas, de músicas alegres, de bailes e ruídos excessivos.

O gramofone e mais tarde a vitrola eram recobertos por um pano preto, assim como nas igrejas as imagens eram veladas por um pano roxo.

Quarenta dias mudos. As espingardas, depois de devidamente azeitadas, eram penduradas de boca para baixo, no fumeiro, com rolhas de palha tapando seus canos para evitar a entrada de marimbondos. Que os gaviões acabassem com os pintos no terreiro. Era a Quaresma, tempo de respeito, abstinência, luto e dor, e qualquer coisa que transgredisse esse preceito era tida como pecado.

Nessa Quarta-feira de cinzas, à noite, depois da Via-Sacra, havia a cerimônia da imposição das cinzas nas testas dos fiéis.

A cinza era o produto queimado das palmas do Domingo de Ramos do ano anterior.

Dáí em diante, todas as quartas-feiras, sextas e domingos havia Via-Sacra na matriz. Concorridíssimas. Às quartas e sextas-feiras, jejum e abstinência – penitências necessárias em preparação às comemorações da Semana Santa.

Domingo de Ramos – dia em que se comemora a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. A igreja repleta de fiéis. Pela manhã, a procissão de ramos. À tarde, a procissão do Encontro. Em outros lugares, essa procissão é realizada na terça-feira. Aqui, não se sabe por quê, ela era no Domingo de Ramos.

Lá da igreja de São José saía a imagem de Nossa Senhora das Dores; da Matriz saía a imagem do Senhor dos Passos, carregando a cruz. Encontravam-se na Praça da Cadeia. O orador sacro, de um púlpito, falava sobre o significado da cerimônia.

Quinta-feira Santa. Pela manhã missa festiva pela instituição da Eucaristia. O coro só podia cantar em latim. À tarde, a tocante cerimônia do Lava-pés: 12 meninos vestidos de apóstolos, descalços, deixavam o ministro lavar-lhes os pés, após o que recebiam uma pequena garrafa de vinho e um pão simbolizando o sangue e o corpo de Cristo. Após essa cerimônia havia a procissão interna do Santíssimo, que era encerrada numa urna fora do presbitério da igreja e

adorado durante toda noite pelos fiéis.

Terminava essa vigília pela manhã de sexta-feira, com a missa dos Pré-santificados. Às 15 horas, Via-Sacra solene, a cerimônia da Descida da Cruz e o início do beijamento.



Por essa hora a cidade estava de luto completo. A fábrica emudecida, as locomotivas com seus apitos amarrados e o povo com ar solene, cabisbaixo, não ousando levantar a voz.

As barraquinhas do “seu” João Roque e de Dona Laura, armadas na praça em frente à matriz só vendiam bolinhos de bacalhau e pastéis de palmito. O mata-bicho estava proibido.

Numa só refeição obrigada pelo jejum, a abstinência de carne era rigorosamente observada. Só animais de sangue frio: peixe ou camarão. Também eram servidos paçoca de amendoim e pinhão cozido, preparados na véspera, já que as famílias mais ortodoxas apagavam seus fogões ao meio dia de quinta-feira, quando se encerrava qualquer atividade de trabalho.

A procissão do Senhor Morto era o máximo em espetáculo de fé e respeito. A música, a mais apropriada possível, só marchas fúnebres. A banda procurava esmerar-se. Encerrada a procissão, continuava o beijamento.

A par dessas solenidades oficiais da Igreja, havia as romarias ao Santo Cruzeiro. Durante o dia e a noite de sexta-feira, famílias inteiras subiam o morro, cada pessoa carregando, por penitência, uma pedra apanhada na rua.

Os fazedores do Judas já se empenhavam na confecção do “Traidor”, cada qual procurando imitar uma pessoa ou autoridade, numa crítica muda, mas sobremaneira autêntica, que terminava ao meio dia de sábado, quando era malhado, rasgado e queima-

do pela população.

Mas ainda não chegamos lá. Isso só iria acontecer ao meio dia.

Pela manhã do Sábado da Aleluia, na igreja aconteciam várias cerimônias. Começavam pela Bênção do Fogo Novo, quando eram apagadas todas as velas do templo, assim como a lâmpada do sacrário, e o oficiante iria acender à porta da igreja, com fogo natural, isto é, com brasa assoprada até fazer uma pequena chama, um círio de cera pura, e com essa pequena vela seriam acesas todas as velas do templo.

Em seguida vinham a bênção da água e a ladainha de todos os Santos e terminava-se com a Missa da Aleluia, ao meio-dia. Nessa hora era descerrado um pano preto que encobria o altar, os sinos repicavam e os foguetes subiam enquanto o coro entoava alegre o “Glória a Deus nas alturas”.

Lá fora, as máquinas apitavam e a molecada procurava o judas, cada grupo tendo em vista, de antemão, qual deveria lhe caber para a malhação de praxe. Após a malhação e o estouro das bombas colocadas nos intestinos do judas, os meninos saíam em magotes, tirando a aleluia. Iam de venda em venda gritando “aleluia, aleluia, peixe no prato e farinha na cuia”, pedindo balas, pinhões e dinheiro. Quando algum negociante mais liberal jogava um punhado de moedas, formava-se um bolo de moleques, cada qual procurando apanhar maior número de níqueis e quase sempre havia escoriações mais ou menos graves. Outras vezes, quando se encontravam grupos mutuamente antipatizados por antigas rixas ou por bairrismo, havia sopapos generalizados.

Terminada a Aleluia de rua, os comentários: “Lá no seu Joaquim Serafim eu peguei seiscentos reis, que vão dar para eu ir ao cinema duas vezes”. Outro: “Eu só peguei pinhão e bala além de um tombo que me escalabrou o joelho”.

Às 19 horas, na matriz, a coroação de Nossa Senhora por um grupo de meninas vestidas de anjos e cumprimentos alegres pela Ressurreição do Senhor. E as festas iam até a madrugada do Domingo da Ressurreição. A banda de música, já então executando marchas alegres, e o povo como que ressurgido para uma nova fase da vida.

Carlos Vieira Soares

Celebre a vida nova e realize novos sonhos! Construa esperanças para novos projetos com os pés firmes rumo ao novo tempo! Viva a cada dia uma nova ressurreição, deixando o homem velho morrer e permitindo-se esvaziar o sepulcro e construir nova morada para o homem novo. Feliz Páscoa!

As enchentes do Rio Piquete

No dia 9 de março de 1900, uma grande tromba d'água caiu sobre a Vila Vieira do Piquete causando prejuízo a seus habitantes, destruindo casas e estragando consideravelmente as plantações. "Essa tromba d'água tudo arrasou à sua passagem. Dado o grande desnível de Piquete, a zona que mais sofreu foi a do Poço Fundo. Aí, à exceção da casa de Dona Alexandrina, todas as moradias foram destruídas. A impetuosidade da água tudo devastou".

A fúria da natureza foi tão grande, que foi noticiada em jornais da região como citado acima, além de jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nos dias subsequentes a esse desastre natural, os jornais noticiavam que a Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo enviaria técnicos para avaliar os estragos causados pela inundação do Rio Piquete nas estradas e pontes pertencentes ao estado.

Pelo exposto, nem é bom imaginar o que uma chuva como aquela de março de 1900 causaria se caísse sobre a cidade nos dias de hoje. Naquela ocasião havia apenas pouco mais de cem casas na zona urbana do município.

Localizada num fundo de vale, a cidade



Enchente do Ribeirão do Sertão na década de 1940

cresceu ao longo do Rio Piquete. A mata ciliar foi destruída e encostas foram desmatadas, o que facilita a rápida drenagem das águas das chuvas para a calha principal do corpo d'água que corre em velocidade muito maior quando de fortes chuvas, causando as enchentes. Na história do município, temos registradas grandes enchentes ao longo de todo o século 20. Essas enchentes tendem a aumentar de intensidade devido ao afunilamento das margens com paredões, residências e outras construções que concorrem para maior velocidade e turbilhonamento das águas.

Não podemos nos esquecer de que as

margens dos rios e as várzeas são áreas de preservação, espaços naturais de que as águas precisam para se expandir quando ocorrem grandes precipitações. Os rios são dinâmicos e vivos e podem, a qualquer momento, ocupar os espaços que são seus naturalmente. Assim, aquele rio aparentemente inofensivo pode, em poucos minutos, colocar moradores de áreas ribeirinhas em risco, como o ocorrido no dia 16 de março deste ano, quando, após três horas de chuva intensa, os ribeirões Sertão e Benfica, formadores do Rio Piquete, transbordaram e deixaram cerca de trinta famílias desalojadas. Casas, postes e muros de arrimo foram destruídos.

Piquete mantém a condição de alerta na perspectiva de novas enxurradas. Apesar dos problemas, a cidade comemorou o fato de não haver, de acordo com a Defesa Civil, registro de feridos. Além da Vila Eleotério, os bairros Vila Celeste, Vila Cristiana, Bela Vista e Centro tiveram alagamentos. A avenida Major Pedro, à entrada da cidade, virou um braço do Rio Piquete. Além dos estragos na cidade, pontes na zona rural foram destruídas.

Que sobreviva a nossa jovem democracia!

Estamos vivendo a mais grave crise dos últimos tempos em nosso País. Desde que Dilma Rousseff foi democraticamente reeleita Presidenta da República do Brasil, houve revolta por parte dos que foram derrotados nas urnas e não conseguiram assimilar tal fato.

Os governos do PT não foram isentos de desvios. Não deixaram de cometer erros e equívocos. Todos nós temos críticas e consciência de que nem tudo foi perfeito como vemos nas propagandas partidárias produzidas pelos melhores marqueteiros deste país. Sabemos que houve corrupção, que não foram realizadas as reformas de base tão necessárias para a modernização do Estado, que o PT se distanciou dos movimentos sociais e deixou a desejar no que se refere às demandas desses movimentos, como a tão sonhada reforma agrária. Nosso Brasil continua a ser o país dos latifúndios e do agronegócio.

Não há, porém, como negar que o Brasil passou, nos últimos anos, por um processo que jamais havia acontecido em sua história. O Estado, ainda que muito timidamente e sem romper as velhas estruturas injustas que sempre segregaram ricos e pobres neste país, passou a cuidar dos menos favorecidos. Os pobres, que sempre nasceram, viveram e morreram na desesperança, começaram a poder sonhar. Começaram a ver seus filhos ascendendo socialmente, conquistando diplomas universitários, disputando postos de trabalhos antes reservados apenas para os filhos dos mais abastados, com raras exceções. Começaram a ver seus filhos poderem ir estudar no exterior, coisa inimaginável tempos atrás. Aqueles que migraram para o sudeste em paus de arara fugindo da carestia e da seca nordestinas hoje veem seus filhos e netos visitando a terra de origem como turistas, embarcando e desembarcando

nos aeroportos. O povo da roça que até há pouco tempo precisava acordar e dormir com as galinhas para aproveitar a luz do sol e tinha as noites iluminadas por lamparinas que deixavam as pobres casas, muitas vezes de pau a pique, fedendo a querosene queimado, passou a ter luz elétrica. Isso tudo foi um avanço que nós, que já nascemos iluminados pela eletricidade, nem conseguimos mensurar. Milhões de brasileiros e brasileiras, a maioria crianças, foram retirados da situação de extrema pobreza por meio de um programa elogiado e apresentado ao mundo como modelo de desenvolvimento social pela Organização das Nações Unidas – o Bolsa Família.

O que vemos no Brasil, hoje, é uma crise criada e alimentada por um rancor acumulado nas classes mais abastadas contra esse processo de ascensão social da parcela mais pobre da população brasileira. Não querem dividir espaço nas universidades, nos shopping centers, nos aeroportos. Não gostam de ver o pobre andando com seu carrinho nas avenidas, nas rodovias. Percebo isso quando pego estrada com meu fusquinha: os mais ricos, com seus carrões, quase me jogam para fora. Buzinam enfurecidamente, como se dissessem: saia, seu pobretão, aqui não é seu lugar! Um horror. Esse ódio é alimentado na sociedade por grupos que possuem interesses econômicos em nosso país. São as grandes corporações e as potências internacionais que almejam ardentemente a desestabilização de nossa sociedade, para que possam implantar aqui um estado neoliberal que não intervenha na economia, não coloque limites ao mercado, flexibilize regras trabalhistas, acabe com as políticas sociais, não demarque terras indígenas, não realize a reforma agrária. São os que impõem que se impeça a inserção dos negros, da classe LGBT, das mulheres, dos demais grupos sociais histo-

ricamente considerados cidadãos de segunda categoria. São os que trabalham e arquitetam o retorno da antiga ordem, que os possibilita eternizar em nosso país as condições de subalternidade e de colonialismo que sempre vergaram o povo ao longo de nossa história.

Hoje vemos concretizar-se, aos poucos, um duro golpe em nossa democracia. Representantes da extrema direita e grupos mais reacionários às mudanças sociais vão se articulando. Hipocritamente, se apresentam ao povo, por meio de uma mídia golpista, que sustentou a popularidade da sanguinária e corrupta ditadura militar por mais de vinte anos, como os guardiões da moral e dos bons costumes, contra o império da corrupção e do desmando, que, segundo essa gente inescrupulosa, foi fundado pelo PT.

Sabemos que a corrupção sempre foi sistêmica em nosso País. Os militares, Sarney, Collor, FHC nunca foram exemplos a serem seguidos por quem deseja se pautar pela honestidade e a ética. PMDB, PSDB, DEM e demais partidos que buscam impedir a presidente Dilma não possuem autoridade moral para realizar tal empreitada. Estão todos enlameados por escândalos de corrupção. Esperemos que o poder Judiciário possa recuperar a capacidade de julgar os fatos com isenção, que seja superada a politização da justiça, que pune e condena os petistas e faz vistas grossas às graves denúncias contra políticos de oposição ao governo. Que nossa jovem democracia sobreviva aos ataques vis que vem sofrendo! Que o estado de direito não seja substituído por um estado policial e midiático, em que as pessoas não têm o direito de ampla defesa e a presunção de inocência garantidos! Que saíamos desse período ainda mais democratas e politizados!

Pe. Fabrício Beckmann